

## OUTRAS EDUCAÇÃO E OUTRAS PRÁXIS COM AS FAVELAS E PERIFÉRIAS URBANAS: O CASO DA MARÉ

*OTHER EDUCATION AND OTHER PRAXIS WITH FAVELAS AND URBAN OUTSKIRTS: THE CASE OF MARÉ*

 <http://orcid.org/0000-0001-8274-3235> Carlos Augusto Baptista <sup>A</sup>

<sup>A</sup> Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 01.jul.2022 | Aceito em: 10.ago.2022

Correspondência: Carlos Augusto Baptista (augustobapt88@gmail.com)

### Resumo

Este artigo se insere no campo dos estudos culturais e perpassa apreensões das andarilhagens com coletivos periféricos que se formam inspirados no ideário da emancipação social. Nossa imersão se deu no Museu da Maré entre 2018 e 2020, acompanhando lideranças de grande destaque e as ações propostas na dinâmica organizacional. Devido ao alto índice de violência existente em contextos sociais urbanos, periféricos e, até mesmo, semirrurais, como é o caso de favelas e bairros favelizados da zona oeste, e entorno, a ênfase do argumento central tem a ver com os contornos da politização nas periferias urbanas a partir das linguagens midiáticas e estéticas. Consideramos que com o acúmulo de pesquisas acadêmicas, sobre as diferentes temáticas que emergem das favelas da cidade do Rio de Janeiro, é possível se aproximar de noções e conceitos específicos, diferenciados dos legitimados socialmente e fomentar outros percursos investigativos sobre esse temário. Sobre as questões que atravessam a realidade cotidiana de moradores de favelas, destacamos a organicidade com capilaridade irreparável, na atualidade. Nessa mesma esteira, exploramos argumentações próximas de um compromisso-ético com sujeitas/os do território indo além das perspectivas hegemônicas sobre formação e consequentemente, processos de politização.

**Palavras-chave:** Outras educações, juventudes racializadas, Periferias urbanas.

### Abstract

This article is part of the field of cultural studies and goes through apprehensions of wandering with peripheral collectives that are formed inspired by the ideals of social emancipation. Our immersion took place at the Maré Museum between 2018 and 2020, following prominent leaders and the actions proposed in the organizational dynamics. Due to the high rate of violence in urban, peripheral and even semi-rural social contexts, as is the case of favelas and slum neighborhoods in the West Zone and surroundings, the emphasis of the central argument has to do with the contours of politicization in urban peripheries from media and aesthetic languages. We believe that with the accumulation of academic research on the different themes that emerge from the favelas of the city of Rio de Janeiro, it is possible to approach specific notions and concepts, different from those that are socially legitimated, and to foster other investigative paths on this topic. On the issues that cross the daily reality of favela residents, we highlight the organicity with irreparable capillarity, nowadays. In the same vein, we explore arguments close to an ethical commitment with subjects of the territory, going beyond the hegemonic perspectives on formation and, consequently, processes of politicization.

**Keywords:** Other educations, racialized youth, Urban peripheries.



## Introdução

O foco das pesquisas sociais, na contemporaneidade, tem apresentado rupturas com o instituído. Ao localizarmos os principais constructos dos Estudos Culturais (EC), no âmbito da América Latina e Caribe, importa recuperar outras percepções acerca das provocações advindas das zonas colocadas à margem, como ocorre com favelas e regiões estigmatizadas. A contribuição que apresentamos tem a ver com uma perspectiva pluriversal que admite dissonâncias epistemológicas. Se coloca na esteira da publicização de micro organizações comunitárias situadas no interior das favelas e periferias da cidade.

Nossa escolha teórico-metodológica traz dados da pesquisa realizada entre 2018 e 2020, que teve como campo o Museu da Maré. Entrevistamos seis (6) lideranças comunitárias responsáveis pelo processo de criação, defesa e permanência do Museu. Além das entrevistas, frequentamos e acompanhamos as atividades das lideranças durante dois anos, interagindo e aprendendo com suas outras práxis museais e pedagógicas. São inúmeros os aspectos levantados neste eixo interseccional e que oferecem amplas visões do já legitimado nas práticas sociais. Conforme as pesquisas de Marisa Vorraber Costa.

[...] livros didáticos, cartilhas, legislações educacionais, revistas pedagógicas, livros de formação pedagógica para professores, programas e projetos educativos, a própria seriação escolar, a ciclagem e as classes de progressão, a arquitetura escolar. Práticas escolares como a da merenda, da avaliação, ou dos cuidados na educação infantil, entre outras, são problematizadas e constituídas como objetos de estudo sob uma ótica cultural, oportunizando seu esquadrinhamento e análise como produtoras de significados, como imersas em redes de poder e verdade, em discursos circulantes, através dos quais se legitimam determinadas representações de crianças, de menino e de menina, de estudante, de professores e professoras, de trabalho docente, de alfabetismo, de determinados componentes curriculares e de educação. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 21)

O impacto da crítica dos EC é multifacético, tendo em vista a força argumentativa dos principais estudos já realizados. A partir dessa referência, faz mais sentido considerarmos os vínculos que estabelecemos nas nossas coletividades, após avaliarmos os prejuízos de uma orientação eurocentrada para a vida social. Ao processarmos gramáticas culturais em ambientes de educação formal somos convocados a novas ancoragens para a juventude sacrificada por currículos subalternizantes.

A proposta de “escavações epistemológicas” defendida por Claudia Miranda (2020) sugere a adesão de diferentes profissionais que atuam com famílias das classes trabalhadoras,

com comunidades de base, vítimas de alienação político social. Em outro lugar, a autora argumentou:

[...] las otras epistemologías han permanecido entre nosotras/os por las brechas, por las rutas que hemos hecho. Aunque tengamos dificultades de nombrar el dolor de este descamino, logramos recuperar “desde adentro” con excavaciones epistémicas. El grito fanoniano ha impulsado las formas de resistencia en distintos momentos y en diferentes países y regiones. A mi juicio, la situación “exige arqueologías colectivas y urgentes, ancladas en rutas hechas en el contramano del proceso colonial (MIRANDA, 2019, p. 56).

Pensar com as coletividades periféricas tem significado deslocamentos epistemológicos e políticos, além de possibilidades de ampliar a crítica sobre as amarras das propostas de formação, de setores advindos das classes populares. É por conta dessas demandas, que passamos a considerar os ganhos alcançados com o escopo da análise decolonial:

As narrativas decoloniais estão ancoradas numa pedagogia que vai além dos modos escolares de transposição cultural. Se apoiam numa reorientação político-epistêmica capaz de favorecer a ampliação de interseções (trabalho de colaboração entre esferas da sociedade). As linguagens - e multilinguagens - artísticas podem ser entendidas como “espaços de confrontação” tendo em vista as possibilidades de acionarem dimensões do cotidiano e micro realidades. Em outros termos, o campo das práticas artísticas e visuais se converte em um território propício para a configuração de novas representações que dinamizam outras experiências político-artísticas. Alinho-me aos pressupostos dos pesquisadores Silvia Cusicanqui (Bolívia) e Adolfo Albán Achinte (Colômbia) para pensar, por exemplo, outras sociologias (sociologia das imagens). Sugerem “rastreamento da memória” e daí a denúncia do racismo e todas as formas de discriminação insurgem. Favorecem o reconhecimento do território, a partir das próprias práticas culturais da vida cotidiana (MIRANDA, 2020, p. 79).

Para Miranda, acompanhar essa produção mais ao Sul é parte de uma movimentação insurgente. Caminhar mais ao Sul implica sair do centro em direção às margens. Acompanhamos observatórios que se dedicam a dar visibilidade para as problemáticas enfrentadas nas favelas para melhor mensurar as preocupações das plataformas locais de mídia alternativa.

O “Rede de observatórios da Segurança”<sup>1</sup> indica que o Estado do Rio de Janeiro, é o estado que mais mata negros em operações policiais. Pode-se afirmar que a violência que cobra seu preço em vidas de jovens moradores de favelas, no Rio de Janeiro, é a mesma nas grandes metrópoles do país, como por exemplo, Recife e Salvador. Somos desafiadas/os por questões invisibilizadas nos contextos de alta complexidade, como ocorre nessas periferias urbanas.

---

<sup>1</sup> Ver em: <http://observatorioseguranca.com.br/rio-de-janeiro-e-maquina-de-moer-gente-negra/>

A partir desse conjunto de fatores, nosso interesse foi fortalecer o olhar ético capaz de assumir tais desafios, no arco de interesse para a investigação social. Fazer vista grossa às atrocidades cometidas pelas forças policiais que deveriam cumprir as metas constitucionais de promoção e proteção dos direitos humanos – além de ampliar e consolidar um projeto societário mais justo – é insustentável. Para a massa explorada e pauperizada, violentamente, pelo modo de produção capitalista e neoliberal, se configura da forma mais desastrosa. Em sociedades como a nossa, o caminho se dá pelas fissuras. Foi o caso de lideranças envolvidas com a proposição do Museu da Maré. Nesta oportunidade, gostaríamos de explorar a dimensão multifacética e educacional dessa intervenção socioeducativa. O contexto da Maré é fundamental para entendermos a conformação de uma cidade marcada pela negação da presença de favelas e morros.

Por parte da gestão pública, o que vimos com a pandemia de Covid-19 nos anos de 2020 e 2021, foi um conjunto de “desmedidas” governamentais, construídas à luz de orientações ideopolíticas inspiradas em um ideário que se alinha com o “necropoder”, analisado por Achille Mbembe (2018).

Foram vistos sinais que remontam os chamados anos de chumbo, ou a era dos generais – período iniciado em 1964, logo após o golpe militar, que interrompeu, arbitrariamente o governo de João Goulart (o Jango) e em seguida destituiu o Congresso Nacional (ABREU & MOTTA, 2013) e intensificou-se com AI-5. O referido golpe interrompeu um processo de expansão democrática e instaurou no país um clima de terror e caça às bruxas, como uma Diabólica Inquisição Moderna (grifo meu)- não dá pra chamar de santa uma coisa tão horrorosa- onde pensar já constituía uma prática criminosa, expressar atitudes contrárias à Ordem vigente, significou o sumiço, a tortura e a morte de muita gente, durante, duas décadas (1964-1984).

Portanto, torna-se inviável conviver com as diretrizes de uma equipe gestora que arquitetou o golpe jurídico-político da primeira mulher eleita à presidência da República, em uma sociedade patriarcal, machista, racista e homofóbica. Dilma Rousseff foi eleita por mais da metade da população votante, foi arrancada do governo, impedida de concluir seu mandato constitucionalmente, e foi estigmatizada de diferentes maneiras, em 2016. Esse mesmo modus operandi vem dissipando um leque de direitos trabalhistas, abrindo as entranhas do país, vendendo as fontes de riquezas para o capital estrangeiro, com discurso de salvação da economia e propondo intervenção militar nas favelas, demonstrando total incompetência para abrir e ampliar, de forma democrática o debate sobre segurança pública, criminalização da

pobreza, cultura bélica e a cultura das drogas, presentes em, praticamente, todas as grandes metrópoles do mundo.

Essa avalanche de acontecimentos catastróficos recai, destrutivamente, sobre as cabeças dos jovens negros, moradores de favelas, devastando as frágeis raízes de subjetividades e sonhos que ainda resistem, como no passado, resistiram em jovens negros que conseguiram sobreviver e se tornaram referências em seu tempo, em diferentes setores da sociedade, apesar de toda adversidade que enfrentaram para defender suas escolhas como Cartola, Zé Kéti, Nelson Sargento, Ismael Silva, Ataulfo Alves, Wilson Batista, Geraldo Pereira, Madame Satã, Jamelão, Clementina de Jesus, D. Yvone Lara, Elza Soares, Leci Brandão, Alcione, Martinho da Vila, Bezerra da Silva, Cassiano, Carlos Dafé, Tim Maia, Luiz Melodia, Gonzaguinhante mortos e sobreviventes, todos esses sujeitos, em algum momento viveram o terror de ser jovem negr@, submetid@ às pressões da desigualdade social e econômica, indissociável da estrutura central da sociedade capitalista, que só produz riqueza, produzindo dez vezes mais exploração, repressão, violência, opressão e mais pobreza.

A nosso ver, o pior dessa perversa engrenagem é que não basta produzir o capital, gananciosamente, para gerar a acumulação capitalista necessária uma overdose de violenta exploração e outra overdose de violenta alienação. Ou seja, o sujeito subalterno, sofre e morre muitas vezes, todos os dias, enquanto se ilude com a ideia de que ainda está vivo. Tal realidade constitui um grande desafio para o pensamento social brasileiro, que é pensar, por exemplo, o que significa destruir a perspectiva de milhões de pessoas, em defesa de um projeto societário que, concretamente, trava o crescimento e empurra o país para beira de um abismo sem limites, em todos os setores da sociedade brasileira.

Por maior que seja o grau de alienação e pauperismo da população, uma parte significativa consegue perceber quais são os reais interesses do projeto neoliberal. Que poderíamos resumir dessa forma: pauperizar para dominar, sucatear para vender fácil, em outras palavras, poderíamos chamar de teoria do ferro-velho (grifo meu), onde qualquer peça pode ser vendida abaixo do preço de mercado. No entanto, a gravidade do problema é outra. Estamos falando de humanos, gente e não máquinas ou peças de máquinas. Essa desumanização das pessoas é um dispositivo, que cumpre, pelo menos, duas funções terríveis: corrói o caráter e bestializa a pessoa humana, deixando-a vulnerável a qualquer tipo de subalternização. Podemos pensar ainda com o poeta, pensador, professor, fundador do Movimento Negritude e ex-membro do Partido Comunista Francês, Aimé Césaire:

[...] Se da minha parte eu lembrei de alguns detalhes desses horríveis açougues, não é, de maneira alguma, um prazer sombrio, mas porque eu acho que não vamos nos livrar tão facilmente desses chefes de homens, dessas safras de ouvidos, dessas casas incendiadas, dessas invasões góticas, desse sangue fumegante, dessas cidades que evaporam à beira da Espada. Esses fatos provam que a colonização, repito, desumaniza o homem ainda mais civilizado; que a ação colonial, o empreendimento colonial, a conquista colonial, fundada no desprezo do homem nativo e justificada por esse desprezo, inevitavelmente tende a modificar quem o empreende; que o colonizador, ao habituar-se a ver no animal a besta, ao se ocupar em tratá-lo como um animal, para acalmar sua consciência, tende objetivamente a transformar-se em animal (CÉSAIRE, 2006, pp. 18-19).

Seguramente, entre o brilhantismo de Césaire, essa colocação sobre os efeitos negativos da colonização mesmo para o colonizador, é uma de suas pérolas mais valiosas e, que ainda, hoje, nos ajuda a entender a lógica do sistema colonial escravocrata, que de tanto desumanizar os sujeitos escravizados, também vai perdendo sua própria humanidade. Até mesmo as elites, que em outros períodos da história, chegaram a se considerar inatingíveis, já sentem os efeitos da crise agudizada pelas próprias condições indissociáveis do modo de produção e acumulação capitalista e suas consequências, com o respaldo de ações de um governo golpista, reificador de um Estado de exceção, com visíveis traços de fascismo e práticas fascistas. É nessa esfera, que os setores mais conservadores da sociedade se articulam, se fortalecem e se espalham nos espaços do campo da injusta disputa de poder.

O quadro situacional, que nos inspira a produzir pesquisas, análises e críticas dessa natureza, é um quadro catastrófico. No entanto, parte da nossa missão e compromisso ético-político, enquanto cidadãos conscientes, ativistas, profissionais, educadores, intelectuais e pesquisadores, é problematizar o silêncio dos oprimidos, explorados, marginalizáveis (grifo meu), criar vias, tecer fios de memórias e de tecidos socioculturais e políticos para que as vozes e as vezes desses sujeitos coletivos aconteçam em planos diferentes daqueles determinados pela classe dominante. Os marginalizáveis são esses que podem servir como bode expiatório, serem queimados nas fogueiras das vaidades produzidas no umbigo da esfera política contemporânea (grifo meu). Aqui, no Rio de Janeiro, temos exemplos que já se acumulam nas estantes das referências clássicas de nossos memoriais urbanos (grifo meu), incluo nessa categoria os presídios lotados de jovens negras/ negros e cemitérios nas periferias, onde a maioria dos corpos, ali colocados, é de afrodescendentes, vítimas da violência urbana, gerada no cotidiano dos conflitos desenvolvidos por disputas de territórios, marcados pela presença do mercado bélico-ilícito (grifo meu), onde armas de guerra e drogas pesadas circulam como se fossem flores nos jardins da inocência dos marginalizáveis.



Esses sujeitos são presos ou mortos como se a dinâmica funcional da estrutura jurídico-policial do Estado, realmente, não conseguisse pensar caminhos menos trágicos para resolver ou mitigar a resolução de tais problemáticas. Enquanto, as pesquisas revelam e a realidade nos mostra a olho nu as insuficiências desse sistema, em diferentes níveis de suas práticas, gerando o dispositivo mortal conhecido nesses contextos de alta complexidade como “bala perdida”, aquela que é disparada, acerta o alvo desejado, mas, ninguém sabe de onde saiu. Nessas covas já se deitaram muitos dos nossos, atrás das grades estão muitos galhos de nossas árvores genealógicas, secando, desperdiçando a seiva de suas vidas e desaprendendo os caminhos de seus sonhos.

Mortes ou prisões de lideranças empenhadas nas lutas contra hegemônicas é uma estratégia antiga e eficaz do sistema dominante para impedir o avanço dos movimentos sociais, operários, socioambientais e comunitários, contrários às leis de exploração e acumulação capitalista, onde o lucro é mais importante que a vida de quem o produz. Em um rápido exercício de memória socioafetiva (grifo meu), ligamos Chico Mendes, Zé Rainha, passando por Galdino, Amarildo, Rafael Braga, Marielle Franco e outras mulheres, jovens e homens, que são mortos ou presos por qualquer motivo banal, nas entranhas de um labirinto habitático-urbano, onde o poder das fardas e das armas pode calar qualquer expressão de liberdade e pertencimento ao tecido social da cidade.

Diante do momento histórico, que se configura com esses acontecimentos, impossível, não citar neste trabalho a perseguição e prisão do Ex-presidente LULA, maior representante político da classe trabalhadora brasileira no cenário atual e aclamado por parte relevante da classe política internacional, como o político mais emblemático e até merecedor de indicação ao Prêmio Nobel.

Quando queremos proteger nossas raízes, nossas ancestralidades, nossas memórias socioafetivas, trata-se, muito mais querermos cuidar dos nossos mortos, significa, sobretudo, a necessidade de estreitar os laços com os compromissos das lideranças que nos representaram e por isso, foram interrompidas, abatidas ou estão presas, sem justificativas convincentes.

Esses pressupostos são os ingredientes decisivos daquilo, que podemos considerar como uma linha de estudos específicos sobre processos de construção da Memória Contra hegemônica e Ética Insurgente (grifo meu), categorias centrais da pesquisa de mestrado pelo Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica PUC-RIO, Departamento de Serviço Social. Tais categorias podem ser propulsoras de novas perspectivas de reelaboração da produção cultural e, sobretudo, do modo de pensar do sujeito-produto desses contextos

sociais e políticos, alvo do autoritarismo violento e, muitas vezes, inconstitucional, presentes em jogos de poder existentes no interior de determinados processos sócio-ocupacionais urbanos.

### **No campo com jovens lideranças de favela**

Marcelo Vieira, Lourenço Cezar da Silva, Antônio Carlos Pinto Vieira, Luiz Antônio de Oliveira, Cláudia Rose Ribeiro da Silva e Marco Antônio Fonseca, aceitaram conversar sobre a proposição do Museu da Maré. São vencedores de uma batalha árdua. Essa equipe, que coordena o referido museu, experimentou a sensação de ser ameaçado de “remoção” e não ter pra onde ir com sonhos e objetos, carregados de subjetividades que foram desenvolvidas naquele ninho de memórias. Após pouco mais de uma década de enfrentamento político e judicial com a proprietária do imóvel e inúmeros mandatos de despejos, a luta pela permanência do MuM foi vencida e não há mais risco de remoção. O caso do Museu da Maré nos conduziu a um estudo sobre a práxis organizacional da memória local, que acabou nos introduzindo no campo epistemológico da produção de processos contra hegemônicos e de insurgência estético-política. Em diálogo com pressupostos teóricos da museologia social, onde se articulam outros intelectuais acadêmicos e orgânicos, protagonistas da Rede de museus comunitários (ARAÚJO, 2012).

Ao visitarmos o local, pela primeira vez (2014), a potência estética da “Casinha Azul”, produziu um fio de memória socioafetiva, que me levou direto ao bairro de minha infância, onde revi o interior da casinha pobre e camponesa, onde nasci, com todas aquelas pequenas marcas da simplicidade, indissociável da cultura do campo, confrontada pelas pressões dos fluxos urbanos, que caracterizam as cidades modernas, em tempo de grandes desigualdades e injustiças sociais praticadas contra a classe trabalhadora e assalariada, camponesa (agrária) ou urbana (industrial/comercial/serviços) e todos os marginalizáveis, que herdaram do processo sócio-histórico o degredo, o desterro, as sombras e as sobras do pós-abolição, a determinação de viver nas piores condições socioeconômicas possíveis, como uma espécie de condenação.

O Museu compreende fios de memórias, que ajudam a tecer uma rede de contra narrativas. A sua permanência e funcionamento configuram uma exemplaridade, no sentido da consolidação do patrimônio simbólico local, em alguns sentidos fundamentais, como artístico, estético, político, e, no sentido educativo promove a formação de novos ativistas através da experiência museal. Revisitar o pensamento de Frantz Fanon (2008) é como entrar em um portal



direto com a possibilidade de compreensão e prática de um modo de pensar, que constitui o processo que estamos chamando de ancestróptica. São algumas pistas que este trabalho apresenta na perspectiva de reelaboração da cultura, através do exercício permanente da costura do tecido socioafetivo da memória contra hegemônica, tanto como estratégia de resistência social, quanto elevação e defesa da Ética Insurgente, essa pérola, que acreditamos estar no âmago de todos os movimentos que contestam e repudiam processos de dominação e exploração da pessoa humana.

Não fosse a dinâmica criativa incontrolável daqueles que resistem pensando, criando e recriando ideias, ações e processos artísticos, políticos e de produção de conhecimento nas mais diversas áreas, já estaríamos sem nenhuma perspectiva de acreditar na possibilidade de continuarmos nossas humanidades, submetidos às condições degradantes e desumanas disponibilizadas pelo sistema dominante para as classes subalternas. Chamamos atenção para a importância do processo de resistência social, representado por diferentes coletivos artísticos, políticos e até religiosos, que produzem intervenções no interior das diversas comunidades/favelas cariocas.

São esses núcleos e coletivos, formados por jovens, negros e negras com alto grau de mobilização e produção de performances interventivas, em diversas linguagens artísticas que mesmo diante da mais profunda adversidade, se reinventam, diariamente, que renovam também, as nossas energias e nos ajudam a vislumbrar novas perspectivas. Após os mandatos presidenciais do ex-presidente Lula, já se constata uma presença menos tímida e relevante da juventude negra, ocupando os espaços da produção acadêmica, com seus olhares diferenciados, ávidos para contribuir, criticamente, para a melhoria das condições de convivência e das relações sociais, nesse e em outros setores da sociedade brasileira.

Nas primeiras tentativas de aproximação, que definiram o início daquilo que entendemos como um período de pré-inserção, até os primeiros contatos, sensações, percepções, “escutas” e “olhares” estimularam formulações diversificadas sobre a realidade do campo, com seus componentes concretos e abstratos, permanentes e transitórios. Não tínhamos a dimensão de quanto ainda nos surpreenderíamos.

## **Entre fios de conversa**

Entendemos a urgência do debate acerca da invisibilização e apagamento dos processos de produção de conhecimento, que emergem das periferias, de áreas urbanas precarizadas. Não se deve esquecer que há nesses contextos certas contradições, por conta de diferentes interesses ideológicos e políticos, entre aqueles que reproduzem o ideário hegemônico e aqueles que resistem e conseguem promover processos insurgentes. Observa-se o esforço feito para resistir e enfrentar o poder dominante, nem sempre com palavras, mas, também com outros recursos disponíveis na densidade sociocultural das classes subalternizadas com suas expressões culturais contra hegemônicas. Tais sujeitos ocupam esses espaços com suas ações e contradições, em constantes disputas de poder, entre si e, em confronto com as narrativas dominantes, aproximando-se do que Nancy Fraser (2018) vai classificar como “identidades imbricadas” e o que poderia se configurar também nas “transidentidades” para Scherer-Warren (2012), quando nos fala das “Redes Emancipatórias”. As dinâmicas e estratégias utilizadas pelas lideranças do Museu da Maré incluem a formação de redes, com diferentes linhas trançadas para “pescar memórias”, ressignificá-las e reapresentá-las à sociedade.

Carlinhos (Antônio Carlos Pinto Vieira) explica para os estudantes e visitantes a questão do imbricamento das Forças Armadas com algumas favelas do Rio de Janeiro e, sobretudo, com a Maré:

Existe uma relação direta entre o surgimento das primeiras favelas com as Forças Armadas. Aqui, no Timbau e na Maré como um todo. A gente tem uma vinculação muito forte com o exército. Exército que derrubava as casas. Cercou o morro, depois, colocou uma espécie de prefeitura para controlar entrada e saída dos moradores” (gravado em, 04/07/2019).

E, não foi diferente, para os primeiros habitantes do Morro do Timbau, que chegaram naquela parte da cidade do Rio de Janeiro, vindos do interior do Estado de Minas Gerais ou da região Norte e Nordeste do país, muitos embarcados no popular “Pau-de-arara”, para trabalhar nas obras de interligação entre o “Centro” e suas periferias.

Luiz Antônio, por sua vez, descreve o projeto que resultou na criação da TV Maré (1988/89). Ele cita outros atores importantes para a construção desse processo decisivo, para o desenvolvimento da Rede de Memórias e, posteriormente, para a criação do arquivo de memórias do Museu da Maré em 2001.

A arquidiocese, ela tratou... era o final da década de 80, de criar um projeto junto com alguns jovens da Maré, que era a TV Maré. Então, alguns jovens das comunidades todas aderiram a esse projeto da TV Maré de fazer filmagem, de entrevista, e tal... Então, o Carlinhos foi uma delas, aqui pelo Morro do Timbau, eu aqui na Baixa do

Sapateiro, né? A Maristela, tem a Marinalva, tem o Ivo, que foi uma pessoa, acho que coordenou um pouco essa história, o Marcelo Vieira, as pessoas do Parque União como o Willian, Rosa, enfim... um grupo muito interessante que se articulou para fazer junto com a Cáritas do Rio de Janeiro, esse projeto da TV Maré e foi um projeto que era isso, era registrar as ações das pastorais, das comunidades da igreja católica aqui na Maré. (Entrevista concedida no dia 14 de novembro de 2019)

Durante a década 1970, em pleno regime militar ditatorial e pleno de arbitrariedades contra os direitos civis, a Teologia da Libertação cresceu e fez a diferença na formação de várias lideranças religiosas, comunitárias e artísticas locais, que até se tornaram vozes nacionais e internacionais.

Nossa tessitura investigativa foi marcada pela identificação com o percurso de cada coautor da pesquisa em questão Cláudia Rose fez a seguinte análise sobre os caminhos que percorreu:

Então, tem todos esses fatores, tem essa conscientização, dessa consciência de classe, que foi sendo desenvolvida a partir do contato com a Teologia da Libertação. Eu acho que entrar para universidade, pra fazer história foi fundamental... Fazer história na UERJ, em 87. Carlinhos fez Direito na UFRJ, o Luiz, que também é um dos fundadores, fez História na PUC. Eu acho que são fatores que influenciaram. (Entrevista realizada no dia 23/11/2019)

Cláudia Rose Ribeiro da Silva destaca a importância das parcerias iniciais para a criação do Museu, com o pessoal do DEMU, departamento do IPHAN, voltado para os museus e centros comunitários, que depois foi transformado em Ibram (Instituto brasileiro de Museus). Lembrou da sua experiência direta no próprio Ibram: “A gente participou, ativamente, da construção do Ibram, inclusive o Museu da Maré foi muito importante nessa constituição do Ibram [...] Eu fui trabalhar no Ibram”. Trabalhou de 2009 a 2013 e foi o período que não esteve à frente do museu, por falta de tempo. Nessa época, coordenou o Núcleo de Museologia Social, que era uma proposta nacional, para todo território brasileiro. Ao lembrar-se desse episódio, Claudia Rose não esconde sua satisfação em ver o quanto a luta comunitária ultrapassou os limites invisíveis da favela.

Durante nossa imersão no campo, encontramos a parlamentar Renata Souza, ex-aluna do Pré-vestibular do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/ UFRJ e Deputada Estadual (PSOL-RJ) Renata Souza expressou a sua compreensão do que foi ter vivido um processo de formação de base naquele território e coordenar o jornal “O Cidadão”, durante 13 anos. Na perspectiva emancipatória adotada, em nossa análise, Maré reflete a própria cidade em suas diversas performances, enquanto parte do acontecimento urbano orientado por diferentes interesses e projetos societários distintos.

Tanto para Marcelo Vieira quanto para Lourenço Cezar da Silva, ser da favela significa, entre outras coisas, aprender com o luto da perda de amigos de infância, o sentido da luta pela vida e pela arte de se envolver com as memórias dos seus. Para Lourenço Cezar da Silva (2018): “as experiências de lazer em torno dos campos de várzea fazem parte da história da Maré”. Com certeza marcaram, também, sua vida e a potencialização da memória afetivo-política daquele contexto tem certa influência sobre sua formação sociopolítica de intelectual orgânico da favela: “As experiências de lazer deixaram novas dinâmicas sociais à memória do bairro. Essas dinâmicas acabaram por construir uma parte importante da história da Maré [...] E, podem ser pensadas como uma prática de resistência ao processo de urbanização em curso”.

Evidencia-se na fala de Lourenço a denúncia de quem, ao longo da vida, as consequências dos processos de produção do espaço urbano, pelo seu lado mais violento e desigual.

Para a nossa análise, é importante incluirmos o interessante destaque feito por Marcos, arquiteto do Museu, que não tem o mesmo histórico de relação de infância na Maré, como é o caso de todos os outros entrevistados:

[...] Eu venho do interior, né? Do interior de Minas Gerais, então já tem uma identificação, porque a favela que eu descobri aqui no Rio de Janeiro tem muitas pessoas também do interior de Minas Gerais, que moram na favela. E eu falei um pouco também da minha família, dos meus irmãos. Então eles ficaram porque a gente também tem, é uma família também muito simples. Então, os meus irmãos, meio que induzidos pelo meu pai. (Entrevista realizada no dia 07/ 12/ 2019).

Importa afirmar que as estratégias de formulação de um quadro que possa encaminhar a percepção sobre como se defende o território, sobre como se desenvolvem tecnologias de resistência, incluem a cooperação de diferentes sujeitos sensíveis ao trabalho nesse contexto. Sabe-se das dificuldades impostas pelas formas de degenerescência e estigmas adotados nas formas de representação das zonas periféricas do entorno daquilo que se reconhece como sendo a cidade. A travessia do jovem estudante mineiro carrega a força do lugar, assim como sua família também foi um importante locus de resistência. No seu caso, deslocar-se entre cidades foi importante para alcançar inserção e maior mobilidade no mundo do trabalho.

A felicidade de realizar ideias no coletivo fez com que Marcelo priorizasse projetos que marcassem as ações do CEASM e, de certa forma, a sua própria história de vida. Foi possível perceber o quanto essas memórias são prazerosas, quando reviradas por ele:

[...] a minha professora, que eu fui assistente dela na televisão, ela chamou pra... Eu falei com ela “Ah! Eu estou fazendo um trabalho com as mulheres, não sei o quê...”. “Ah, Marcelo, a gente tem umas roupas aí, você não quer fazer a customização dessas roupas, coisa e tal...”. “Ah! Manda. Vou Fazer”. Peguei e nós fizemos mais de 400 roupas da Globo, de figuração, de ator, foi um período muito rico, muito bom. Aí a gente fez... Aqui no museu não tinha nada, aqui dentro. Era só o galpão. Tinha nada. Tava ocupando o espaço. Aí, foi bacana, o grupo hoje não existe mais. Como eu sou muito fluxo (riso). Que é isso também... Elas ficaram coordenando, mas aí é muita confusão, muita... Ah, não tô muito a fim de esquentar a cabeça com isso, entendeu? Aí, hoje... Aí, eu também fui buscando outras formas... Nesse período estava com elas, mas fazia coisas pra teatro, para televisão... Fiz coisas para carnaval. (Entrevista realizada no dia 14/11/ 2019).

De alguma forma, pelo que pudemos observar de sua narrativa, o grupo envolvido desfruta do importante elo com o mundo do trabalho realizado por Marcelo. Além disso, criou-se a possibilidade de socializar na favela uma gama de conhecimentos, que só circulavam no meio artístico e cultural das elites. Cláudia Rose Ribeiro da Silva reconhece o lugar de importância das estratégias de inserção socioeducacional. As andarilhagens para ter acesso ao ensino superior, como chave para alcançar a profissionalização.

Com o conjunto de entrevistas considerado, para nossa pesquisa, observa-se a presença de outra cultura museal, seguindo as pistas da rede de museus de favelas, que através das dinâmicas contra hegemônicas, já estão redefinindo a estética de alguns espaços da cidade, assim como o que acontece na Rocinha, com o Museu Sankofa, no Pavão-pavãozinho, com o Museu de Favela (MUF), na Vila Autódromo, com o Museu das Remoções, em Caxias, com o Museu de São Bento e também na Maré (CHAGAS, 2018).

Durante quase dois anos frequentando o Museu e a favela da Maré, geralmente caminhando pela Avenida Guilherme Maxwell, algumas vezes, entrando pela Avenida Paris, observamos o dinamismo e a intensidade com que o cenário da vizinhança do Museu da Maré se transforma tanto e em tão pouco tempo. São novos estabelecimentos comerciais, na maioria dos casos, restaurantes, academias e novas edificações, certamente com características de quitinetes para locação.

Apoiando-se em pressupostos teóricos de Gramsci (1981; 1999), procuramos analisar a ideia de reorganização da cultura das classes subalternas e as perspectivas contra hegemônicas para transformação da sociedade. Transformação que sinalize o fim das desigualdades socioeconômicas e as injustiças praticadas, diariamente, contra os mais vulneráveis e mais empobrecidos. O papel do Museu da Maré, enquanto organismo sociocultural transmídia, com suas dinâmicas que atravessam a dorsal imaginária e factual da favela, para além de guardar

memórias, consiste em ressignificá-las, estimulando o olhar crítico dos próprios moradores e de visitantes interessados nas “marés de memórias”.

### **Traduções para intelectualidade periférica**

A conjuntura neoliberal determinada pela configuração da Europa central e o imperialismo estadunidense, que, colonialmente, dita regras para países ex-colônias que, ainda não se livraram, totalmente, desse fardo, caso de quase toda a América Latina, onde o Brasil está situado e é perfeito exemplo, resultante dessa conformação sócio-histórica, geopolítica e socioeconômica. Essa ampla, porém, sacrificada e combatida dinâmica de produção cultural, proveniente das periferias da cidade do Rio de Janeiro, significa, hoje, um contrassenso no paradigma analítico do pensamento social brasileiro que, durante muitas e muitas décadas, se constituiu de fontes e inspirações eurocêntricas para dar conta das questões sociais, étnico-raciais, socioambientais e políticas, que nos atravessam no dia a dia. É a partir desses pressupostos que nos indagamos: de onde, realmente, vem a produção intelectual ativa do país? Seguramente, tem origem também no âmago de nossas mazelas.

Essas são algumas das questões que nos interessou problematizar, sabendo que não temos respostas fechadas nem definitivas, mas, acreditamos na importância de fortalecer e promover o debate sobre os lugares das culturas historicamente invisibilizadas. Desse modo, procuramos estabelecer interlocução com interlocutoras/es que já contribuem com essa discussão para o enriquecimento de nossa fundamentação teórico-prática. Além da gama de experiências geradas na relação direta com os diversos coletivos de jovens lideranças, atuantes nos contextos “desurbanidos” (grifo nosso) ou banidos da urbe, excluídos das condições estruturais da urbanidade.

Demandas diversas são assumidas por lideranças comunitárias que enfrentam o instituído, coletivamente. A convocatória inclui a formação superior, a permanência no território e a cultura de colaboração multifacetada. Acontecimentos tais como o ciclo da ditadura militar (1964-1984), o golpe jurídico-político-midiático de 2016, o assassinato de Marielle Franco (2018), a intervenção Militar no Rio e a prisão do ex-presidente Lula parecem tecidos pelas mesmas linhas. É como se fosse a reedição de um filme, que nós não queríamos assistir nunca mais. Os episódios citados acima, hoje, fazem parte da agenda de lutas de todos os coletivos das nossas periferias.



Não há um militante na cidade que não esteja considerando uma possível ligação entre esses fatos. As esferas responsáveis por intervir e garantir direitos básicos emergem violentamente nas áreas mais vulneráveis. Favelas e morros passam a ser o alvo. O alto índice de mortes, resultantes das falhas técnico-operacionais dos servidores das polícias do Estado, se constitui, hoje, em um dos mais graves problemas de segurança urbana. A voz da favela ecoa denunciando por muitos canais. Isso porque a cultura policial se tornou nos últimos trinta anos uma das culturas mais questionáveis e repugnantes na cidade carioca, a ponto de provocar reações tão profundas nos movimentos sociais, que em diversos momentos de manifestação popular entoava-se em coro de centenas de milhares de vozes, refrões como esse: “Só para lembrar, essa PM tem que acabar”.

### **À guisa de conclusão**

Consideramos que o potencial de resistência coletiva, existente nas periferias da cidade do Rio de Janeiro, é implacável. Esse fato nos faz acreditar no futuro das coletividades jovens, ainda que a sociedade e o Estado brasileiro, demonstrem desconexão com suas demandas. A nosso ver, os coletivos devem ser analisados como processos de insurgência política, de construção de identidades pluridiversas. Um contexto chave de elaboração intelectual das culturas orgânicas que se prolifera em comunidades, bairros e favelas cariocas, no contrafluxo da indústria cultural e dos aparatos midiáticos das classes dominantes.

Talvez, por isso, nos custe tão caro ver cada dia, tantos jovens perdendo a vida ou a liberdade, por serem estrategicamente desumanizados e convertidos em corpos matáveis. Analisamos traços das saídas encontradas para performar coletivamente. Desse modo, o segmento é muito mais do que emerge das representações subalternizantes. Consideramos, portanto, que falar de juventude negra na cidade do Rio de Janeiro, significa mexer em um emaranhado de linhas distintas, que costuram o mesmo tecido, que é a cidade carioca.

Desse modo, esse artigo trouxe provocações e inquietações para que possamos ampliar o debate sobre a condição da juventude negra na cidade do Rio de Janeiro, considerando as causas históricas e os acontecimentos contemporâneos, que atravessam a dinâmica do país e da cidade. E, por fim, consideramos que a prática desses coletivos de jovens negros atuantes nas periferias já consegue imprimir suas marcas, mesmo na adversidade.

O Museu da Maré passa a ser lido como um processo descolonizador nas periferias urbanas. E, como denominamos, aqui, são esses coletivos que estão, sim, produzindo culturas

em contextos de alta complexidade, apostando em um lugar outro para as expressões estéticas, e para as multilinguagens existentes na sociedade. Seguem na contramão do que o Estado promove. Para quem deseja compreender as alternativas que saem das periferias urbanas, faz mais sentido acompanhar os observatórios e trabalhar no alinhamento com as lideranças que se expressam por caminhos mais coletivos e mais pluriversais. Fazem parte de um movimento popular oxigenante e propositivo de tradução de outros sentidos de cidade. Aprende-se da totalidade que é possível ser reconhecida na imersão realizada entre 2018 e 2020 em “coleitura” em “coautoria”.

## Referências

- ABREU, Luciano Aronne de. MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.) *Autoritarismo e Cultura Política*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013.
- ARAÚJO, H. M. M. Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. *Cienc. Hum*, Belém, v. 12, n. 3, p. 939-949, set./dez. 2017.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre el colonialismo*. Madrid, Ed. Akal S.A, 2006.
- CHAGAS, M. S.; PIRES, V. S. (Orgs.). *Território, museus e Sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: UNI-RIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.
- COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel, SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. maio-ago, n. 23, 2003.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FRASER, Nancy. *Reconhecimento sem Ética*. São Paulo: Lua Nova, 2007.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1981.
- MIRANDA, Claudia. Entre escavações epistemológicas e práxis descolonizadoras: contribuições para outras pedagogias. In: MATTAR, Sumaya, SUZUKI, Clarissa. PINHEIRO, Maria. *A Lei 11.645/08 nas artes e na educação perspectivas indígenas e afro-brasileiras*. São Paulo: ECA-USP, 2020.